**PROJETO DE LEI ORDINÁRIA Nº \_\_\_\_\_\_\_/2020.**

Autoria: **DR. YGLÉSIO**.

***INSTITUI A POLÍTICA DE ACOLHIMENTO EM FAMÍLIA ACOLHEDORA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES AFASTADOS DO CONVÍVIO FAMILIAR POR DECISÃO JUDICIAL.***

**CAPÍTULO I**

**DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES**

**Art. 1°** - Fica instituída a política de acolhimento em família acolhedora como parte integrante da política de atendimento de assistência social do Estado do Maranhão.

**Parágrafo único** - A política de acolhimento em família acolhedora tem por finalidade dar abrigo provisório a crianças e adolescentes afastados do convívio com a família de origem como medida protetiva, por determinação judicial.

**CAPÍTULO II**

**DA POLÍTICA DE ACOLHIMENTO**

**Art. 2°** - São objetivos da política de acolhimento em família:

**I** – reconstrução de vínculos familiares e comunitários;

**II** – garantia do direito à convivência familiar e comunitária;

**III** - oferta de atenção especial às crianças e adolescentes, bem como às suas famílias, através do trabalho psicossocial em conjunto com as demais políticas sociais, visando preferencialmente o retorno da criança e do adolescente, de forma protegida à família de origem;

**IV** – rompimento do ciclo de violência e da violação de direitos em famílias socialmente vulneráveis;

**V** – inserção e acompanhamento sistemático na rede de serviços, visando a proteção integral da criança e/ou adolescente e de sua família;

**VI** – contribuir com menor grau de sofrimento e perda, na superação da situação vivida pelas crianças e adolescentes, preparando-os para reintegração familiar ou processo de adoção.

**Parágrafo único** - Em caso de entrega voluntária da criança ou adolescente, nos termos do artigo 19-A do Estatuto da Criança e do Adolescente, não se aplica o inciso I deste artigo.

**SEÇÃO I**

**DO CADASTRO, SELEÇÃO E CAPACITAÇÃO DAS FAMÍLIAS**

**Art. 3º** - A sensibilização das famílias para a participação no serviço como famílias acolhedoras é feita através de divulgação permanente, realizada pelo órgão gestor da política de assistência social do Maranhão.

**Art. 4º** - A inscrição das famílias interessadas em participar do serviço como famílias acolhedoras é gratuita, observados os seguintes requisitos:

**I** - não possuir vínculo de parentesco com criança ou adolescente em processo de acolhimento;

**II-** não estar inscrito no Cadastro Nacional de Adoção;

**III** - possuir moradia fixa no Maranhão há mais de 2 anos;

**IV** - dispor de tempo para oferecer proteção e apoio às crianças e aos adolescentes;

**V** - ter idade mínima de 25 anos;

**VI** - não apresentar comprometimentos físicos e/ou mentais que impossibilitem o cuidado;

**VII** - apresentar concordância de todos os membros da família que vivem na

residência;

**VIII** - não estar respondendo a processo criminal ou ter sido condenado por decisão transitada em julgado, em processo criminal;

**IX** - nenhum membro da família apresentar dependência de substâncias psicoativas.

**Parágrafo único** - A inscrição é realizada por meio de preenchimento de Ficha Cadastro do Serviço disponibilizada pelo órgão gestor de política de assistência social do Estado do Maranhão.

**Art. 5º** - São documentos necessários para participação no serviço de família acolhedora:

**I** – ficha de cadastro devidamente preenchida;

**II** – certidão de nascimento, ou, se casado, certidão de casamento, ou comprovação de união estável;

**III** - cópia RG e CPF dos responsáveis;

**IV** – certidão negativa de antecedentes criminais de todos os membros da família maiores de 18 (dezoito) anos;

**V** – comprovante de residência;

**VI** – comprovante de atividade remunerada, de pelo menos um membro da família;

**VII** - declaração emitida pelo órgão competente de que os membros da família não estão inscritos no Cadastro Nacional de Adoção.

**Art. 6º** - A seleção das famílias inscritas como potenciais acolhedoras é realizada por meio de estudo psicossocial, elaborado a partir de instrumentais técnico operativos, de responsabilidade da equipe técnica da política de acolhimento em família acolhedora.

**§ 1° -** O estudo psicossocial envolve todos os membros da família e inclui visitas domiciliares, entrevistas, contatos colaterais e observação das relações familiares e comunitárias.

**§ 2°** - Após a emissão de parecer psicossocial favorável à inclusão no serviço, as famílias devem assinar o termo de adesão à política de acolhimento em família acolhedora.

**SEÇÃO II**

**DOS DIREITOS E RESPONSABILIDADES DA FAMÍLIA ACOLHEDORA**

**Art. 7º** - São direitos das famílias acolhedoras:

**I** - receber subsídio financeiro, na forma do Regulamento;

**II** - receber acompanhamento psicossocial durante e após o acolhimento da criança ou adolescente, atendendo às suas necessidades.

**Art. 8°** - São responsabilidades das famílias acolhedoras:

**I** - garantir todos os direitos e responsabilidades legais reservados ao guardião,

obrigando-se à prestação de assistência material e educacional à criança e/ou ao adolescente;

**II** - participar do processo de preparação, formação e acompanhamento realizado pelo serviço;

**III** - prestar informações sobre a situação da criança ou adolescente acolhido, aos profissionais que estão acompanhando a situação, nos termos solicitados;

**IV** - manter todas as crianças e/ou adolescentes regularmente matriculados e

frequentando assiduamente as unidades educacionais;

**V** - contribuir na preparação da criança ou adolescente para o retorno à família de origem ou à família substituta, sempre sob orientação técnica dos profissionais da política de acolhimento em família acolhedora;

**VI** - preservar o vínculo de convivência entre irmãos e parentes (primos, sobrinhos) quando o acolhimento destes for realizado por famílias diferentes;

**VII** - comunicar à equipe técnica do serviço todas as situações de enfrentamento de dificuldades que vivenciem durante o acolhimento, responsabilizando-se, conforme a legislação vigente, pela sua omissão;

**VIII** - não se ausentar do Estado do Maranhão com a criança ou adolescente acolhido, sem a prévia comunicação à equipe técnica do serviço.

**SEÇÃO III**

**DO DESLIGAMENTO DA FAMÍLIA ACOLHEDORA DO SERVIÇO**

**Art. 9°** - São causas para desligamento do serviço e perda da guarda do acolhido:

**I** - por determinação judicial, atendendo aos encaminhamentos pertinentes ao retorno à família de origem ou colocação em família substituta;

**II** – por solicitação da equipe técnica, devidamente fundamentada;

**III** - em caso de perda de quaisquer dos requisitos previstos no art. 6º ou

descumprimento das obrigações e responsabilidades de acompanhamento;

**IV** - por solicitação escrita da própria família acolhedora, fundamentada em decisão judicial.

**Art. 10** - Em caso de desligamento são direitos da família acolhedora:

**I** - acompanhamento psicossocial, atendendo às suas necessidades;

**II** - orientação e supervisão, quando a equipe técnica e os envolvidos avaliarem como pertinente.

**Art. 11** - O desligamento do serviço deve ocorrer mediante conhecimento e decisão da Vara da Infância e Juventude.

**SEÇÃO IV**

**DA GUARDA DO ACOLHIDO**

**Art. 12** - A recepção da criança ou adolescente, mediante guarda, obedece ao

disposto no Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA.

**Art. 13** - A guarda obriga a prestação de assistência material, moral e educacional à criança ou adolescente, conferindo a seu detentor o direito de opor-se a terceiros, inclusive aos pais.

**Art. 14** - A guarda confere à criança ou adolescente a condição de dependente, para todos os fins e efeitos de direito, inclusive previdenciários.

**SEÇÃO V**

**DO SUBSÍDIO FINANCEIRO E OUTROS BENEFÍCIOS**

**Art. 15** - A política de acolhimento em família acolhedora tem caráter voluntário, com subsídio financeiro definido em Regulamento.

**Parágrafo único** - O valor do subsídio é devido por criança e/ou adolescente, de acordo com condições físicas e psicológicas do acolhido.

**SEÇÃO VI**

**DOS DIRETOS DOS ACOLHIDOS**

**Art. 16** - São direitos da criança e/ou adolescente acolhido em família acolhedora:

**I** - atendimento prioritário na rede pública de educação;

**II** - atendimento prioritário na rede pública de saúde;

**III** - atendimento prioritário na rede pública de assistência social;

**IV** - acompanhamento psicossocial pela equipe técnica do serviço;

**V** - fortalecimento dos vínculos afetivos com sua família de origem, nos casos em que houver possibilidade;

**VI** - permanência com seus irmãos na mesma família acolhedora, sempre que possível;

**VII** - preservação de sua identidade, singularidade e história de vida, bem como de seus costumes e hábitos alimentares;

**VIII** - desacolhimento e inserção na família de origem, ou adotiva, de forma gradativa, realizados sem rupturas bruscas, respeitando o tempo para se fazer e/ou refazer os vínculos.

**SEÇÃO VII**

**DOS DIREITOS DA FAMÍLIA DE ORIGEM**

**Art. 17** - São direitos da família de origem, nuclear ou extensa:

**I** - contato inicial com a equipe técnica para esclarecimento sobre o acolhimento familiar, seus termos e regras, salvo nos casos de restrição judicial nesse sentido;

**II** - participação no processo de adaptação da criança/adolescente na família

acolhedora, fornecendo informações sobre seus hábitos e costumes;

**III** - participação em espaços proporcionados pela equipe técnica para troca de experiências entre famílias de origem, ampliada e extensa;

**IV** - acompanhamento, com entrevistas e visitas domiciliares periódicas, articuladas com o planejamento realizado para superação das vulnerabilidades da família;

**V** - encontros periódicos, semanais, com o acolhido, salvo decisão judicial em contrário.

**CAPÍTULO III**

**DAS DISPOSIÇÕES FINAIS**

**Art. 18** - Fica limitada a recepção de uma criança ou adolescente por família acolhedora, salvo se grupo de irmãos.

**Parágrafo único** - A proporção é passível de ampliação, mediante competência e disponibilidade da família acolhedora, a serem avaliadas criteriosamente pela equipe interprofissional executora do serviço.

**Art. 19** - O período em que a criança ou adolescente permanece na família acolhedora é o mínimo necessário para o seu retorno à família de origem ou encaminhamento à família substituta.

**Parágrafo único** - O tempo máximo de permanência da criança e/ou adolescente na família acolhedora é de 18 meses, salvo situações excepcionais, a critério da autoridade judiciária, em decisão fundamentada.

**Art. 20 -** Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

****

**JUSTIFICATIVA**

O projeto de lei que ora envio à apreciação desta Assembleia Legislativa institui a Política de acolhimento em família acolhedora de crianças e adolescentes afastados do convívio familiar por decisão judicial, no âmbito do Estado do Maranhão.

O artigo 227 da Constituição Federal de 1988 determina que é dever do Estado garantir a convivência familiar e comunitária da criança e do adolescente.

Verificada a necessidade de aplicação de medidas de proteção à criança e ao

adolescente, quando seus direitos forem ameaçados ou violados, o artigo 101, inciso VIII, do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990) prevê a inclusão daqueles em programa de acolhimento familiar.

O artigo 34, §1º, do ECA determina, ainda, que a inclusão da criança ou adolescente em programas de acolhimento familiar terá preferência a seu acolhimento institucional, observado, em qualquer caso, o caráter temporário e excepcional da medida.

A função social da família acolhedora é receber a criança ou o adolescente, sob medida de proteção judicial, atendendo-a(o) em suas necessidades básicas, temporariamente, com a finalidade da futura reintegração familiar.

Estudos indicam que estímulos como abraço, colo, mão segurada e palavras de carinho, estímulo à autoestima e à segurança nas ações têm a capacidade de trabalhar positivamente o cérebro de uma criança. A criança e/ou adolescente que recebe poucos

estímulos, tem dificuldade de desenvolver a percepção de afeto e com o tempo, pode não reagir bem ao convívio social. Diversas são as evidências em favor do acolhimento família e por isso deve ser prioridade como política pública.

Importante frisar que a presente medida não contém vício de iniciativa, haja visto que é permitido ao Poder Legislativo iniciar projetos de lei que estabeleçam políticas públicas, estando de acordo com o entendimento do Supremo Tribunal Federal, que teve três momentos: **a)** o primeiro, onde defendia a competência privativa do Poder Executivo na iniciativa de leis sobre a Administração Pública; **b)** o segundo, que sustentava a competência privativa do Poder Executivo na iniciativa de leis que criem órgãos e fixem suas atribuições e; **c)** o terceiro e mais recente, em que a Corte declarou a constitucionalidade de duas leis de iniciativa parlamentar que criavam programas de políticas públicas (a saber, os casos são o AgR no RE nº 290.549/RJ e a ADI nº 3.394/AM). Um trecho do voto do Relator do AgR no RE nº 290.549/RJ, o Ministro Dias Toffoli, merece ser destacado para demonstrar a possibilidade de que o Poder Legislativo edite normas sobre políticas públicas sem que sobre elas recaia qualquer vício de inconstitucionalidade:

(...) a criação do programa instituído por meio dessa lei apenas tinha por objetivo fomentar a prática de esportes em vias e logradouros públicos, **tendo ficado expressamente consignado nesse texto legal que ‘a implantação, coordenação e acompanhamento do programa ficará a cargo do órgão competente do Poder Executivo’**, a quem incumbirá, também, aprovar as vias designadas pelos moradores para a execução do programa.

(RE nº 290.549/RJ, Rel. Ministro Dias Toffoli. Dje 29.03.2012, Supremo Tribunal Federal - STF)

Embora o art. 43 da Constituição do Estado do Maranhão seja uma norma de repetição obrigatória (cujo parâmetro é o art. 61, § 1º, da Constituição Federal), note-se que não está suprimindo ou restringindo nenhuma das atribuições privativas do governador do Estado, tão somente acrescentando que o Poder Legislativo pode contribuir para a discussão sobre políticas públicas, apresentando proposições que, de qualquer forma, passarão pelo poder sancionador do chefe do Poder Executivo estadual. Isso significa que, em análise sobre o interesse público, pode valer-se do veto político se seu entendimento for de que contraria os interesses da sociedade e do Estado.

De acordo com Cavalcante Filho (2013, p. 31)[[1]](#footnote-1):

Contudo, essa cláusula deve ser interpretada de forma restritiva, por conta de fatores históricos e dogmáticos. Não se pode nela ver uma inconstitucionalidade (por vício de iniciativa) de qualquer projeto de lei proposto pelo Legislativo e que trate sobre políticas públicas. Isso é assim porque o Legislativo tem a prerrogativa – e o dever – de concretizar os direitos fundamentais sociais, aos quais está constitucionalmente vinculado (art. 5º, § 1º). Dessa maneira, é possível defender uma interpretação da alínea e do inciso II do § 1º do art. 61 que seja compatível com a prerrogativa do legislador de formular políticas públicas. O que não se admite é que, por iniciativa parlamentar, se promova o redesenho de órgãos do Executivo, ou a criação de novas atribuições (ou mesmo de novos órgãos). Do mesmo modo, é inadmissível que o legislador edite meras leis autorizativas, ou, ainda, que invada o espaço constitucionalmente delimitado para o exercício da função administrativa (reserva de administração).

Reconhecendo a jurisprudência do Supremo Tribunal Federal – STF sobre a possibilidade de que os Poderes Legislativos possam criar normas sobre políticas públicas e restrições nesse sentido são indevidas, que a Constituição Federal e a Constituição do Estado do Maranhão estabelecem ser competência concorrente dos entes a proteção à infância e à juventude (art. 24, XV e art. 12, II, *p*, respectivamente) conto com o apoio dos Pares para a aprovação desta proposição.

****

1. CAVALCANTE FILHO, João Trindade. **Limites da Iniciativa Parlamentar sobre Políticas Públicas: uma proposta de releitura do art. 61, § 1º, II, *e*, da Constituição Federal**. Senado Federal, Brasília, 2013. [↑](#footnote-ref-1)